

LEITURA E DISCURSO CIENTÍFICO

Márcia Aparecida PILLON
UNICAMP
Maria Aparecida Lopes da CRUZ
UFMA

RESUMO

O objetivo deste artigo é mostrar a importância da leitura nos segmentos históricos, seus níveis existentes para a compreensão do texto e a interação que se constitui entre o autor e o leitor. Estabelece a diferença entre o texto e o discurso, apresentando dois tipos de discurso científico: o da descoberta (tipo narrativo) e o da pesquisa ("fazer-saber"). As modificações sofridas pelo discurso científico nos dias atuais refletindo nos projetos de pesquisa.

Palavras-chave: Leitura; Discurso científico.

O sujeito e o sentido da leitura

A leitura é um processo dialético que se insere no "processo histórico-social", portanto a leitura não é uma questão de "tudo ou nada", faz parte da vida do indivíduo (Orlandi, 1988, p.9). Os homens pré-históricos com o conhecimento prévio do mundo faziam suas leituras, hoje através dos vários meios de comunicação e informação o homem compreende não só as leituras de mundo como também as científicas.

Ler exige do indivíduo esforço intelectual tornando compreensíveis as leituras realizadas, decifrando o que o autor quis dizer por trás das palavras escritas.

A abordagem de Kleiman (1989, p.9) quanto à “compreensão de textos escritos” estabelece que os “processos cognitivos que constituem a atividade em que o leitor se engaja para construir o sentido de um texto”.

A autora propõe níveis de conhecimento que contribuem para o desenvolvimento intelectual facilitando a compreensão da leitura. Os níveis de conhecimento são descritos como o conhecimento lingüístico, o textual, de mundo, enciclopédico, que são “estimulados” durante o processo de leitura, tecendo o sentido textual. O conhecimento lingüístico engloba todo o processo de aquisição da linguagem, pelo qual passamos, os modos de utilização lingüística de verbos, predicados, locuções, adjetivos entre outros. O conhecimento textual encontra-se na competência individual em compreender a estrutura do texto e formas do discurso.

No processo de construção do sentido, o leitor atua com o seu conhecimento prévio, tentando compreender o conhecimento do outro, isto é, o que o autor quis dizer, na busca de engajamento, do “conhecimento mútuo”.

O conhecimento do mundo são as experiências pessoais de vida adquiridas e presentificadas durante o ato de ler.

A presentificação das experiências vividas pelo leitor e pelo autor coloca a leitura como um processo interativo em que a compreensão estabelece um entrosamento entre os vários níveis de conhecimento.

A leitura é considerada, por Orlandi (1983, p.20), como um “momento crítico da constituição do texto, pois é o privilégio da interação verbal”, isto é, há a identificação dos interlocutores que se encontram estruturados no “processo de significação”.

Verifica-se que há a necessidade de observar no processo de leitura a compreensão do leitor diante do texto, pois este constitui o caminho de ligação entre autor e leitor.

Na leitura interativa o leitor caracteriza-se como “sujeito cognitivo” e o texto como “objeto formal”, o relacionamento do leitor com o texto é um fator de destaque, pois são determinados através do sujeito leitor as maneiras de leituras diferentes, e porque pretende resolver o problema de “indeterminação do texto” de modo “referencial”, isto é, estabelece um equilíbrio entre o conhecimento que o leitor possui e aquele que o texto contém em si. Neste contexto o leitor como sujeito determina as várias possibilidades de leitura de um texto (Kleiman, 1989, p.39).

Orlandi (1988, p.92) estabeleceu que um dos aspectos fundamentais no processo de significação determinada pela leitura é a possibilidade de se ler um mesmo texto de várias maneiras.

A linguagem é o meio pelo qual o ato da fala se estrutura e exterioriza-se. Bahktin (1981), em sua obra, analisa a linguagem segundo a visão marxista, abordando os aspectos da interação verbal, pois a verdadeira substância da linguagem está constituída pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação. A interação verbal forma a realidade fundamental da língua. Portanto a linguagem nasce e se desenvolve num processo histórico, vinculado com a comunicação verbal concreta. O autor citado discute também o método para o estudo da língua, as formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realizam as formas das distintas enunciações, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias do ato da fala na vida e na criação ideológica que se presta a uma determinação verbal, exame das formas da língua na sua interpretação lingüística habitual.

O processo de leitura, encaminhado como atividade cognitiva, possibilita ao homem interagir entre o presente e o passado na medida em que concretiza as transformações culturais (Silva, 1985, p.22).

A leitura e o discurso

A linguagem é estabelecida como um processo de comunicação do texto com o leitor e deste com o mundo, ela (a linguagem),

por sua vez, constitui-se como um ato de socialização. Com relação ao discurso como objeto formal do texto, este constitui-se a partir de uma situação, dos fatos ocorridos na sociedade.

Orlandi (1988), em sua obra *Leitura & Discurso*, discute, na visão de Foucault e Pecheux, o discurso, suas funções e formações. No discurso são várias as maneiras de o sujeito ocupar o texto, que corresponde a diversas formações discursivas. Para entender toda essa complexidade discursiva, o autor define discurso na visão de Foucault, como sendo uma “regularidade de uma prática”. O discurso tem como função assegurar a permanência de uma certa representação, pois na origem de todo o discurso existe o projeto totalizante de um sujeito, projeto este que o converte em autor. O sujeito é a peça central do discurso que, por sua vez, constitui como autor. O discurso é o palco onde o sujeito se constitui como autor ao constituir o texto.

O discurso forma-se jogo, as palavras recebem sentido a partir da sua própria estruturação. Portanto reafirmamos que a formação discursiva é o lugar da constituição do sentido e da identificação do sujeito. A formação discursiva é o lugar em que todo o sujeito reconhece-se, e identifica-se, adquirindo sua própria identidade. E também o sentido adquire a sua unidade.

Não podemos confundir um texto com um discurso, pois o texto é a “unidade de análise do discurso: o enunciado é a unidade de construção do discurso, mas o discurso apóia-se no texto em seu processo de construção, apenas para estruturar-se” (Orlandi, 1988, p.115).

Orlandi reflete também sobre a situação de leitura, a representação da unidade de leitura, a interpretação, a compreensão, a interação no ato de leitura. A compreensão instaura-se no reconhecimento de que o sentido é socio-historicamente determinado e encontra-se ligado à forma-sujeito que por sua vez, constitui-se pela sua relação com a formação discursiva.

Ao analisarmos o discurso científico observamos que para a sua compreensão e interpretação, exige-se um esforço intelectual com um determinado repertório estrutural.

Deyes (1983), analisando a obra de Harre (1960), argumenta que o discurso científico é fundamentalmente descritivo e diz ser o "escopo" da ciência as "unidades conceptuais de estrutura, propriedades e formas, lugar, medida e processo"; ele coloca a ciência acima do discurso científico. Embora seja sem dúvida o objeto da ciência descrever o ambiente em que a humanidade se encontra, o discurso científico almeja fazer recuar os limites de nosso conhecimento sobre este ambiente através da discussão e argumentação.

Nos trabalhos científicos Severino (1978, p.15) estabelece dois sentidos. Primeiro: "o conjunto de processos de estudos de pesquisa e de reflexão que caracteriza a vida intelectual do universitário". Segundo: "a própria monografia científica, texto que relata dissertativamente os resultados de uma pesquisa numa determinada área. O discurso científico está contido no segundo sentido, sendo porém o desenvolvimento do trabalho científico (a tese, a dissertação, a monografia) resultante de um processo argumentativo".

A caracterização do discurso científico dá-se como um tipo de discurso de ação. Apresentam-se dois tipos de discurso, o da descoberta, do tipo narrativo, discurso individual do cientista em busca de "saber" (enigma-solução) e o da pesquisa, discurso social do "fazer-saber" à comunidade a que se descobriu (Silveira, 1992 p. 99).

A autora citada estabelece que o discurso científico de revisão, caracteriza-se pela retomada do discurso de vários cientistas, desenvolvendo-se como um tipo de discurso produzido pelo escritor, com objetivos específicos, como por exemplo: expor, questionar, reconstituir historicamente e opinar a respeito de um tema.

A legitimação do discurso científico

A concepção iluminista da Ciência como uma atividade desvinculada do Estado, da sociedade e do capital, voltada sobre si mesma e exercida por homens nobres que buscam romper com o

mundo das trevas, da ignorância e do senso comum está hoje ultrapassada.

A Ciência é concebida hoje como um meio de produção, que origina, organiza, estoca e distribui certo tipo de informações. Este processo de produção está sujeito às políticas de desenvolvimento traçadas pelo Estado, às necessidades da sociedade e aos interesses das agências de fomento, como FINEP e outras, além dos interesses comerciais das empresas que mantêm seus próprios laboratórios (Lyotard, 1990).

Desta forma, a atividade científica perde a sua concepção de atividade humanística e especulativa, voltada para o progresso da humanidade e torna-se uma atividade operacional - pode ser formatada, traduzida em "bits" de informação, e dar origem a inúmeros produtos como referências, resumos e índices.

Ao mesmo tempo é também uma "tecnologia intelectual" com suas próprias regras de produção - como escrever e como redigir, como citar, como estruturar o texto científico, como escolher um tema de pesquisa (Matos, 1985; 1984) e assim por diante. Torna-se então uma prática submetida ao capital e ao Estado desenvolvendo linguagens específicas para o tipo de mercado que pretende atingir.

O discurso científico, então, como parte significativa deste processo, sofre modificações na sua estrutura e nos seus objetivos. Embora ainda submetida as mesmas regras gerais para sua aceitação e reconhecimento científico - condições de consistência interna e verificação experimental segundo Lyotard (1979, p.13) - outra condição básica veio se juntar a esta - a da operatividade na realidade presente.

Esta operatividade na realidade tem um exemplo bem claro nos projetos de pesquisa, que consistem em um discurso científico sobre parte da realidade e da possibilidade de estudá-la ou modificá-la, otimizando assim as *performances* do sistema social.

O conhecimento, portanto, não possui mais um valor intrínseco, mas adquire um valor de troca e se legitima pelo desempenho. Além da possibilidade de confirmar ou negar uma verdade

científica, precisa ser capaz de otimizar as *performances do sistema*. Sua eficácia: em outras palavras, precisa ter validade social. Os projetos que atendem a estas necessidades têm mais probabilidade de serem selecionados pelas agências de fomento do que os demais.

A atividade científica se torna assim forma de produção como qualquer outra - possui um mercado específico com suas próprias leis e necessidades, forma profissionais com determinadas características e que não precisam necessariamente estar ligados ao ensino para se legitimar.

CONCLUSÃO

A leitura é antes de tudo um processo intelectual. Mesmo aqueles que a ensinam e a vêem como uma técnica de decodificação de sons e letras sabem que ela (a leitura) demanda tempo, perseverança e capacidade cognitiva para se dominar seus mecanismos básicos. Estes fatores a transformam, inevitavelmente, em um instrumento de elite. Partindo-se desse pressuposto, não é estranho que ao longo de um processo histórico (cronológica e socialmente falando) tenha se construído um conceito burguês de leitura, que envolveu todos os profissionais que atuam nessa área, e que se estendem também a todas as atividades profissionais que de alguma forma dependem de habilidade intelectual (entendida aqui no seu conceito mais restrito) para serem viabilizadas.

A atividade científica constitui o ápice destas atividades e aqueles que a exercem são concebidos como uma elite capaz de "guiar a nação em sua emancipação" (Lyotard, 1979 p.89). Este conceito, hoje, no entanto, tornou-se bem mais funcional e objetivo - busca-se preparar profissionais qualificados para realizar os fins pragmáticos a que se propõem as instituições.

Mesmo os diversos conceitos sobre o processo da leitura tendem ao equilíbrio entre o cognitivismo e o aspecto social da leitura - é verdade que todo indivíduo possui suas próprias estratégias cognitivas de leitura, mas isto não pode ser visto apenas sob o aspecto do mecanicismo ou do individualismo.

Ninguém se expressa apenas a partir do seu próprio interior, todas as nossas idéias são construídas ao longo de todo um processo histórico-social, no qual o próprio discurso científico desempenhou e desempenha um papel muito importante.

A maneira peculiar que o indivíduo tem de se expressar e de interpretar a realidade está muito ligada ao discurso que ele absorve desta mesma realidade. No nosso século, o discurso científico tem sido o predominante. Absorvido como o mais válido dentre todas, o discurso científico tem refletido na sua estrutura todas as mudanças porque passam a sociedade e a realidade que se estuda. A leitura tem absorvido estas mudanças na emancipação do sujeito cognitivo e na teoria da leitura interativa: o discurso científico na visão do seu processo produtivo.

A formação discursiva reafirma assim a constituição do sentido e da identificação do sujeito cognitivo, o lugar onde ele se reconhece e se identifica, adquirindo assim uma identidade própria e onde o sentido do que está sendo comunicado adquire a sua unidade - unidade que é própria na forma do discurso que está sendo narrado e dos sujeitos que nele se reconhece através do jogo interativo entre autor/conhecimento/sujeito cognitivo.

O discurso científico passa, assim, a ter uma validade que não apenas lhe é própria, intrínseca, mas também social, ao menos no que tange a sua aplicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAHKTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981.
- DEYES, Antony F. Saber, ensinar e aprender: "inputs" para um curso de leitura. **Caderno PUC**, n.16, 1983.
- LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. Trad. Ricardo Correia Barbosa, 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.
- KLEIMAN, Angela. **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas: Pontes, 1989.

- _____. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura.** Campinas: Pontes, 1989.
- MATOS, Francisco Gomes. O cientista como citador. **Ciência e Cultura**, v.37, n.12, dez., 1985.
- _____. Como resenhar um livro. **Ciência e Cultura**, v.37, n.1, jan., 1985.
- _____. Como delimitar um trabalho científico: do tema ao problema. **Ciência e Cultura**, v.37, n.8, ago., 1985.
- _____. A comunicação científica da cautela à convicção. **Ciência e Cultura**, v.37, n.9, set., 1985.
- _____. Escrever ou redigir? Um desafio comunicacional ao cientista. **Ciência e Cultura**, v.36, n.6, jun., 1984.
- ORLANDI, Eni P. **Leitura & Discurso.** São Paulo: Cortez, 1988.
- _____. A produção da leitura e suas condições. **Leitura: Teoria & Prática.** v.2, n.1, abril, 1983.
- _____. Uma questão de leitura: a noção de sujeito e a identidade do leitor. **Cadernos PUC**, n.14, 1982.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico: diretrizes para o trabalho didático-científico na Universidade.** 3.ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.
- SILVA, Ezequiel T. **O ato de ler.** Campinas: Pontes, 1989.
- _____. **Leitura & realidade brasileira.** 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
- SILVEIRA, Regina C. P. A organização textual do discurso científico de revisão. **TEMA.** n. 16, abr./ago., 1992.

ABSTRACT

The objective of this article is to show the importance of reading in many historical segments, its existing levels to the text understanding and the interaction between author and reader. It establishes the difference between text and discourse.

Key words: Reading; Scientific discourse.